

Participe da Elaboração de Nossa Revista

Dando prosseguimento à reestruturação da Imprensa do SISEJUFE-RJ, surge a nossa revista, *Idéias*, uma publicação que pretendemos que seja participativa e aberta, feita não a duas, ou quatro mãos, mas a centenas, milhares de mãos; mãos de todos vocês, leitores que assim tornar-se-ão autores desta revista, aberta à categoria. **Envie seu texto para apreciação, se for possível ele será aproveitado em um dos próximos números.** Basta endereçar uma mensagem para imprensa@sisejuferj.org.br, colocando no assunto, colaboração na *Idéias*.

A *Idéias* surge com o propósito de tornar a comunicação do sindicato mais ágil, rápida. Agora você terá dois órgãos de comunicação, a *Idéias* e o jornal "Que fazer?", o que garantirá que, quinzenalmente, o servidor do Judiciário tenha em mãos informações preciosas sobre o PCS, os quintos, denúncias contra o assédio moral, B17, plano de carreira, enfim, todos os assuntos relevantes ao dia a dia dos Tribunais, com uma visão crítica e de esquerda dos acontecimentos do mundo. A informação agora será dividida. O seu jornal, editado no início do mês, voltará a ser, como era antes, um pequeno tablóide, de quatro a oito páginas, somente com as informações da categoria. No fim do mês você receberá sua revista *Idéias*, com tudo, tudo mesmo que se pode esperar de uma grande revista: colunas, crônicas, reportagens, poesia, informações pertinentes a categoria, denúncias, debates. Junto disto,

temos nosso boletim eletrônico de notícias, o *Informe SISEJUFE*, que ajudou a dinamizar as informações mais prementes. Para receber o *Informe SISEJUFE*, peça para se cadastrar no endereço informe@sisejuferj.org.br.

Para se entender, todavia, como surgiu, a revista *Idéias*, temos que contar um pouco a história recente do Jornal *Que Fazer?*. Até uns dois anos atrás, o jornal era um pequeno tablóide, sem nenhuma participação direta da categoria. Com a reestruturação da Imprensa do Sindicato (continuada e aprofundada na atual gestão), o jornal passou por uma reformulação, tornou-se aberto e participativo e, para que refletisse as opiniões e os anseios da categoria, criou-se o suplemento *Idéias*, no qual participaram talentos da categoria, como Glória Horta, Kika Moog, Luciana Villar, Rosane de Oliveira, Márcio de Souza Marques, Eduardo Neves do Brasil, David Cordeiro, Roberto Ponciano, Flavio Prieto e importantes nomes da cultura e da política brasileira, como Gabriela Leite, Teotônio dos Santos, Emir Sader, Larte Braga, Elisa Lucinda, Gito Vianotti.

Leia esta revista com o mesmo prazer que tivemos em elaborá-la, participe dela, envie seus textos para que publiquemos. Que estas *Idéias* sejam as nossas, as que temos para construir uma categoria mais harmônica, justa, solidária.

Abraços a todos,
Diretoria do SISEJUFE-RJ e Secretaria de Imprensa ■

SISEJUFE

Filiado à FENAJUFE e à CUT

SEDE: Avenida Presidente Vargas, 509/11º andar - Centro - Rio de Janeiro-RJ
CEP 20071-003

TEL/FAX: (21) 2232-1004

PORTAL: <http://sisejuferj.org.br>

ENDEREÇO: imprensa@sisejuferj.org.br

DIRETORIA: André Gustavo Souza Silveira da Silva, David Batista Cordeiro da Silva, Dulavim de Oliveira Lima Júnior, Flávio Braga Prieto da Silva, Maria da Glória de Menezes Vasconcelos Horta, João Ronaldo Mac-Cormick da Costa, Leonor da Silva Mendonça, Lucilene Lima Araújo de Jesus, Márcio de Souza Marques, Márcio Hungerbühler, Nilton Alves Pinheiro, Otton Cid da Conceição, Penélope Diniz Bittencourt Nepomuceno, Renato Gonçalves da Silva, Ricardo de Azevedo Soares, Roberto Ponciano Gomes de Souza Júnior e Válder Nogueira Alves.

IDÉIAS EM REVISTA

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Mário Augusto Jakobskind (Mtb 15.150)

REDAÇÃO:
Max Leone (Mtb 18.091)

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO:
Claudio Camillo - (Mtb 20.478)

REVISÃO:
João Mac-Cormick

ILUSTRAÇÃO:
Latuf

IMPRESSÃO:
Ediouro Gráfica e Editora Ltda
(7.000 exemplares)

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva dos autores.



Editorial	1	Ações afirmativas: o direito às diferenças	14
Cartas da Categoria	2	As lágrimas da Aracruz e a coragem das mulheres camponesas	15
Plano de Cargos e Salários	3	Biodiversidade e novo paradigma	16
Jornada de 6 horas	5	Entrevista com Frei Betto	17
Os que fazem greve	6	Congresso da CUT	19
Gravador, vaca, faca e estrela cadente	7	Um caso passionnal	20
Sistema Digital	8	De repente, nas ruas dos EUA...	21
Máximas do Barão	9	França, vandalismo ou luta de classes?	22
Abril de 1968: a greve de Contagem	10	EUA desrespeitam a lei sob o silêncio da mídia	23
Cem anos de Mario Quintana	11	Historinhas de ninar monstros	24
Crianças do MST	12		

PARTICIPE da Idéias em Revista! Mande sua colaboração para imprensa@sisejuferj.org.br

Cartas da Categoria

Uma página para que todos se manifestem

● DIREITO AO TRÂNSITO

Companheiros,

Venho denunciar uma prática lamentável que a Diretoria do Foro da Seção Judiciária do Rio de Janeiro adotou: inviabilizar o direito ao trânsito dos servidores, previsto no art. 18 da Lei 8.112/90.

Valendo-se da inexperiência ou medo dos novos funcionários, a Diretoria tem removido servidores que estavam há semanas lotados provisoriamente na SRH do Rio de Janeiro para outros municípios, sem lhes conceder o mínimo de dez dias de trânsito, previsto na legislação. A intenção é deliberada, pois os exemplos que se seguem demonstram o mecanismo que impede o direito de ser exercido: na última sexta-feira, dia 17 de março de 2006, dois servidores novos, lotados na SRH, receberam, ao final da tarde, memorando comunicando sua remoção para o município de Angra dos Reis, a partir da segunda-feira, 20 de março do presente ano. Orientados por colegas a requererem o direito ao trânsito (que deveria ser concedido automaticamente, pois se trata de ato vinculado e não discricionário), só conseguiram peticionar via fax e até por volta de 19h não tinham obtido resposta. Ora, a publicação do ato de remoção só será feita no boletim interno de terça-feira, mas a remoção é para segunda, não havendo tempo hábil para os novos servidores pleitearem um direito líquido e certo. Sabemos que para tudo no Direito há prazo, mas no caso, simplesmente foi ignorado.

Por que o Senhor Diretor do Foro

lança mão de um expediente deste quilate? Enviar um memorando no final de uma sexta-feira, para que servidores que estão no Rio se apresentem na segunda-feira imediata, em outra cidade, sem poderem cuidar de suas mudanças, roupas, eventual finalização de contratos de locação etc? Acho grave essa medida, que afeta toda a categoria, pois todos estamos sujeitos a uma remoção. Por favor, queiram interpelar, na forma da lei, o Senhor Diretor do Foro a apresentar uma resposta plausível a tudo que aqui foi relatado. Vale lembrar, por último, que consultando os últimos 10 boletins internos, a maioria esmagadora dos novos servidores tem sido removida sem direito a trânsito, mas vez por outra há portarias que o concedem a pessoas específicas. Por que, se é uma questão de isonomia?

Muito obrigado,

Luiz Gustavo Barbosa, analista judiciário, TRF – Tel. 2276-8509

● SISEJUFE-RJ: Elisa Lucinda

Gostaria de parabenizar ao SISEJUFE-RJ pela iniciativa e escolha do espetáculo que tivemos a oportunidade de apreciar na noite de 30/03. A apresentação da atriz poetisa Elisa Lucinda – Parem de Falar Mal da Rotina, foi excelente, um verdadeiro presente.

Muito obrigada,

Sandra Martinez (TRE-RJ)

● ELISA LUCINDA

Oi Glória,

Foi demais. Adorei o espetáculo. A observação do cotidiano continua sendo o palco dos processos criativos... Você está de parabéns por ajudar a organizar e trazer pra gente esse show maravilhoso.

Um grande abraço.

Rosana Lopes (SJRJ)

● SOBRE ELISA

Querida Glória!!!

O show foi UM SUCESSO, a Elisa é a própria alma da mulher brasileira, mestiça, linda, viva e cheia de brilho!! Assim como você, que foi uma das primeiras que avaliaram o quilate da musa divina e cuidou de lançá-la, não foi????

MUITO OBRIGADA PELOS MOMENTOS MARAVILHOSOS DE CULTURA E LAZER!

PARABÉNS PRA VOCÊ, PARABÉNS PARA O NOSSO SINDICATO, PARABÉNS PARA A ELISA LUCINDA!!!

Beijinhos carinhosos!

Valeria (SJRJ)

PCS na reta final

O Projeto de Lei 5.845, que cria o novo Plano de Cargos e Salários dos Servidores da Justiça Federal, está na Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados aguardando para ser votado. Tanto a FENAJUFE quanto o SISEJUFE-RJ e o Comando Nacional de Mobilização têm atuado, principalmente em Brasília, no sentido de garantir a previsão orçamentária para a implementação total da proposta. As entidades representativas dos servidores não poupam esforços para conseguir apoio dos deputados na votação do projeto.

A Fenajufe já solicitou uma audiência com a nova presidente do STF, ministra Ellen Gracie, para pedir maior agilidade nas negociações com o Executivo.

Além da pressão das entidades, a participação da categoria nas dis-

cussões sobre o PCS tem sido de grande importância. No Rio de Janeiro, por exemplo, os servidores fizeram várias paralisações – nos dias 22 e 29 de março e nos dias 5 e 6 de abril – demonstrando disposição para ir à luta em busca do objetivo, que é a aprovação do novo PCS. Não está descartada a possibilidade de uma greve por tempo indeterminado, caso o projeto não seja aprovado pelo governo.

Esclarecimentos sobre o PCS3

Como foi o processo de discussão?
O novo PCS foi discutido durante um ano antes de ser enviado ao Congresso. O nosso Sindicato organizou vários grupos de trabalho (entre eles os de agentes de segurança, oficiais de justiça, aposentados, servidores dos núcleos de saúde),

distribuiu o material do plano, organizou três seminários, nos quais representantes da oposição ao plano foram chamados para participar e só compareceram na votação final da plenária do Rio (na qual a proposta de envio foi aprovada com 70% de votos, com a oposição sendo contra o envio do projeto). A FENAJUFE, por sua vez, organizou três plenárias nacionais para o envio do projeto. Nelas, 80% da categoria de todo o Brasil mostrou-se favorável ao envio.

Quando começou a mobilização pelo PCS?

Mobilizamos a base desde a elaboração e o início da tramitação do projeto. Lá se vão 20 meses. Foram jornais, cartilhas, boletins, assembléias, seminários, paralisações, greves. O projeto só chegou a onde está por conta da disposição da FENAJUFE, do SISEJUFE-RJ e da categoria de lutarem por ele.



O PCS foi feito para beneficiar as FCs e CJs?

O PCS aumenta a remuneração em cerca de 60%, isto sem contar as vantagens pessoais, os adicionais de qualificação e as gratificações de carreira de oficiais e agentes (que extinguem centenas de FCs). O impacto orçamentário do projeto é de 4,9 bilhões de reais (o do PCS2, o anterior, era de 3 bilhões de reais), impacto este sem contar o adicional de qualificação e a questão do B17 (que eleva o custo do projeto para cerca de 6 bilhões de reais, o dobro do anterior, que foi parcelado em 3 vezes). As FCs não aumentam um centavo, só a opção. As CJs sim, aumentam. Todavia, esta era uma exigência do STF para enviar o projeto e a base dos trabalhadores de todo o Brasil, resolveu, por unanimidade na Plenária Nacional de Vitória, enviá-lo mesmo com o aumento das CJs. Um pequeno defeito não pode pôr a perder um projeto de tal monta. Em tempo, o SISEJUFE-RJ e a FENAJUFE propuseram emenda que congela as CJs e a opção das FCs (rejeitadas pelo STF).

Este PCS é um projeto do STF? Quem são os autores, afinal, do PCS?

A greve da GAJ foi o que abriu espaço para discutir nosso PCS. Também é bom ter conhecimento de como é a tramitação um projeto no Congresso Nacional. Ao STF compete privativamente enviar qualquer projeto de aumento de salário do Judiciário para o Congresso. Com quem o SISEJUFE-RJ e a FENAJUFE tinham de negociar? Com o STF. Nem tudo que está no projeto é perfeito, pois é fruto de negociação, mas o PCS é um projeto nosso, da categoria, fruto de uma greve e que foi enviado a Brasília depois muita pressão. E

foi devido a nossa presença que a paridade entre ativos e aposentados e o cargo de auxiliar se mantiveram.

A FENAJUFE e o SISEJUFE-RJ estão em comum acordo com o STF para privilegiar as FCs e as CJs em detrimento da remuneração?

Em todas as plenárias do SISEJUFE-RJ e da FENAJUFE houve uma unanimidade: não negociaremos corte na remuneração, se algo tiver que ser cortado que seja as FCs ou as CJs. Esta, inclusive, será nossa proposta para aliviar o impacto orçamentário do projeto.

Se este PCS vier parcelado será uma derrota da categoria?

“Em todas as plenárias do SISEJUFE-RJ e da FENAJUFE houve uma unanimidade: não negociaremos corte na remuneração”

Um plano com um impacto de cerca de 6 bilhões de reais, o dobro do anterior, que foi parcelado em três vezes, se for aprovado (o que é nos-

sa luta) em parcelas será uma derrota? Que categoria de funcionários públicos conseguiu 60% de aumento? Que categoria teve projeto com impacto orçamentário de 6 bilhões aprovado? Este PCS é fundamental, em que pesem pequenos defeitos, devemos defendê-lo por ser um grande avanço ■

Vejam as conquistas do novo PCS:

- Aumento médio de 60%;
- Equiparação ao TCU;
- Carreira Única (começa a discussão da carreira, normatizando vários aspectos dela);
- Carreira Típica de Estado;
- Quadro Único (vantagens únicas, como auxílio alimentação e facilidade para permutas);
- GAJ de 50%;
- Adicional de Qualificação;
- Prazo de 180 dias para a regulamentação do PCS;
- Participação dos sindicatos na regulamentação do projeto (o que abre espaço para lutarmos pela jornada de 6 horas);
- Trocas das FCs de oficiais e agentes por remuneração (extinção de centenas de FCs);
- Impede o desconto do B17 e o incorpora ao salário de quem não recebeu.

Mobilização crescente do PCS:

O Sindicato mobilizou a categoria e o que se viu, nos dias 22 e 29 de março e 5 e 6 de abril, foi um crescimento na luta pelo nosso projeto. Com exceção do TRT, no qual ainda temos dificuldades, todos os outros tribunais tiveram participação crescente. As Justiças Federais da Rio Branco e da Venezuela pararam por 24 horas no dia 29, com alguns cartórios fechados e grande participação da categoria. TRF e TRE fizeram paralisações de 2 horas, com cerca de 60 funcionários no piquete, o que demonstra o crescimento da luta. Na primeira semana de abril foram feitas paralisações parciais em todos os fóruns e apontando um calendário de greve para a Reunião Ampliada na Federação.

Todos juntos do SISEJUFE-RJ e da FENAJUFE até a vitória final, com a aprovação do projeto

CNJ considera legal redução de jornada de trabalho dos servidores do Judiciário



Leonor Costa (*)

BRASÍLIA – No julgamento dos Procedimentos de Controle Administrativo 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82 e 83, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) considerou legal a fixação da jornada de trabalho dos servidores do Poder Judiciário da União, entre o mínimo de 6 e o máximo de 8 horas diárias.

A discussão foi levantada no CNJ por várias representações movidas pelo Ministério Público Federal, contra os atos do STM, CJF, TJDFT, STJ, STF, CJF, TRF1 e TST, que fixavam jornada inferior a 8 horas diárias. As representações do MPF pediam que a jornada de 6 ou 7 horas diárias fosse considerada inconstitucional ou que se desse a redução proporcional de remuneração dos servidores.

A FENAJUFE e o SINDJUS/DF tiveram importante participação nessa vitória. O coordenador geral das duas entidades, Roberto

Policarpo, se reuniu no dia 28/03 com vários conselheiros, dentre eles o ministro Pádua Ribeiro, do STJ. Entregou memoriais com os argumentos que justificavam a manutenção do horário e no início fez a sustentação oral.

As entidades argumentaram que “os critérios de conveniência e oportunidade, para o caso, vinculam-se a uma série de fatores, que vão desde a valorização e melhora da qualidade de vida do servidor, premido por um desenvolvimento tecnológico que permite a realização de mais atividades em menos tempo, porém propicia desgaste físico e mental acentuado, até a melhoria de produtividade e da eficiência que as jornadas fixadas permitem alcançar, beneficiando o usuário do serviço público” ■

* Jornalista da FENAJUFE

Comentário do SISEJUFE-RJ

Esta vitória abre espaço para que iniciemos uma verdadeira guerra de procedimentos administrativos pedindo a extensão da jornada de 6 horas para todo o Judiciário. Nos lugares onde foi aplicada – como, por exemplo, no STJ, com turno duplo de atendimento – a jornada de 30 horas semanais provou ser mais eficiente, com um rendimento maior do trabalhador, com um aumento do grau de satisfação e, conseqüentemente com um número menor de funcionários com licença médica, tanto por problemas físicos (LER/DORT), como por problemas psicológicos (depressão, estafa etc).

A vitória da FENAJUFE é ainda mais significativa se pensarmos que, com o quadro único projetado no PCS, poderemos incluir na regulamentação do projeto pelos Tribunais, a jornada de trabalho de 6 horas para todo o Judiciário. A luta pela redução da jornada de trabalho deu um passo significativo, e agora está mais viva do que antes!

Os Que Fazem a Greve

Nestes dias de apostasia total, de descrença e indiferença, os que fazem a greve incendeiam os outros com a chama da esperança; os que furam a greve propagam a covardia e o conformismo.

Os que fazem a greve mostram que é necessário se indignar e que o sagrado direito de discordar e lutar por seus direitos é tão fundamental como o pão nosso de cada dia; os fura-greves se alinham com aqueles que querem transformar o ser humano numa máquina capaz apenas de trabalhar e se reproduzir.

Os que fazem a greve lutam por um futuro melhor, mais digno, onde todos possam viver e não apenas sobreviver; os fura-greves constroem um futuro de violência e caos, onde haja menos direitos e mais violência, onde o silêncio seja imperativo e obedecer, uma missão para sobreviver.

Os que fazem a greve não lutam só por aumento de salário. Os grevistas lutam por um país mais justo, mais humano, por uma humanidade mais solidária, onde o pão, a educação e a diversão sejam para todos; os que furam a greve não ligam se o pão for para poucos, e se contentam com migalhas. Justiça é uma palavra para qual não ligam e o próximo é um competidor, jamais um irmão.

Os que fazem a greve querem que o futuro de seus filhos seja límpido, com um povo bem nutrido, um país de-

envolvido, com país e moradia. Ensinam a seus filhos dignidade e honestidade, levantam alto a bandeira do amor a sua terra e da luta por um futuro melhor; os que furam a greve não vêem que legam para os seus descendentes um país dividido e violento, sem paz e igualdade. Um lugar onde só há grades, nas prisões e nas casas, e que nem o ventre das mães é seguro. Um país de poucos para o choro de muitos.

Os que fazem a greve edificam relações mais límpidas dentro do seu local de trabalho, mais transparentes, fraternas e baseadas na competência e no esforço; os que furam a greve apostam no puxa-saquismo, no cumpadrismo e na submissão. Tem mais apego a seus cargos que as suas convicções e preferem se submeter a ordens injustas que se unir e lutar por relações de trabalho claras e justas.

Os que fazem a greve estão em paz com a própria consciência e fazem a sua parte para que este país saia deste imenso atoleiro em que se encontra; os fura-greves preferem atolar no charco de indiferença a injustiça social, são indiferentes a toda esta imensa crise moral e espiritual que assola a nação e apenas reclamam da falência moral, como se não fossem cúmplices de tudo ao agüentar calados o desmonte do país.

Os que fazem a greve são o sal da terra!

Roberto Ponciano



Gravador, vaca, faca e estrela cadente



Glória Horta (*)

Sim, comprei um gravador digital porque queria gravar cantigas e inserir no computador, abandonei minhas fitas e adquiri o acessório do tamanho de um isqueiro. Eu queria um gravador que gravasse a voz da gente e que depois eu pudesse ouvir, apagar, regravar, passar adiantado pra frente apertando o botão das setinhas pra direita e voltar correndo pra trás apertando o botão das setinhas pra esquerda e dar stop pra desligar, só isso. Mas o danado do pequeno tem um manual repleto de ícones indecifráveis e ilegíveis. Como um mero gravador que uma criança poderia engolir de tão pequeno tem a pretensão de exibir um monitor para formigas?

Visito uma cidade tão pequena que tem o mesmo número de habitantes do meu prédio. Aos poucos as crianças e até os cães me reconhecem. Nem celular pega em volta dessa praça onde a comunidade constrói com as próprias mãos casas para os desabrigados, e quando volto de lá, depois de tirar meu violão

“Em vez de retornar energizada para o enfrentamento da cidade maravilhosa, volto mais sensível às cenas de rua, mais deslocada, e procuro em vão um sentido para o meu dia-a-dia. Um sentido para uma vida sem cachoeiras”

do sótão imaginário e aprender músicas de luar do sertão e de serestas com acordeom e fogueira, sou mais frágil.

Sem querer sou ríspida com minha amiga porque um homem cheirando cola pára na frente do carro onde estamos, as duas sozinhas de noite, e diz coisas pedindo dinheiro e levanta a camisa e mostra uma ferida de faca com sangue na barriga. Minha amiga vira o

rosto com um grito e cobre o rosto com as mãos e eu brigo com ela porque queria que ela fingisse que estava tudo normal. Ora, não devemos demonstrar medo, pode ser um assaltante, vai crescer pra cima de nós, fique impassível, brigo, disfarça, ora, como se nada estivesse acontecendo. Que amiga descontrolada! Depois me arrependo e peço desculpas a ela. O mundo está ficando doido e quer nos levar com ele.

Em vez de retornar energizada para o enfrentamento da cidade maravilhosa, volto mais sensível às cenas de rua, mais deslocada, e procuro em vão um sentido para o meu dia-a-dia. Um sentido para uma vida sem cachoeiras.

Queria acordar amanhã com barulho de vaca e bezerro, de galo e pássaros, e rever as oito estrelas cadentes que me emocionaram deitada sozinha na grama úmida, vendo um céu tão cheio de estrelas que parecia cenário de seriado da Globo. O mundo real é muito, muito mais bonito ■

* Diretora Cultural do SISEJUFÉ-RJ

<http://www.gloriahorta.net>

<http://finitacomoflores.zip.net>

As falsas alegações das grandes redes de televisão

As emissoras de TV (Globo à frente) defendem a escolha do padrão japonês de modulação da TV digital (ISDB) porque este seria o único modelo que lhes permitiria fazer transmissão para recepção móvel usando a banda do espectro eletromagnético reservada para o UHF.



As grandes redes de TV escondem o jogo sobre o conteúdo da programação dos novos canais digitais.

Gustavo Gindre (*)

No caso do padrão europeu (DVB), por exemplo, a transmissão para recepção móvel teria que usar a banda reservada para a telefonia celular, o que incluiria as empresas de telefonia no núcleo-central da operação de TV. Receosas desta concorrência, as emissoras, então, preferem a modulação japonesa.

O padrão de modulação brasileiro, desenvolvido pela PUC-RS, conhecido como SORCER, também permite a transmissão para recepção móvel. Portanto, mesmo aceitando o argumento da Globo e das demais emissoras, poderíamos adotar uma modulação com tecnologia brasileira.

Todos os padrões de modulação (japonês, europeu, norte-americano e brasileiro, além do chinês que está em desenvolvimento) permitem transmitir em SDTV, EDTV e HDTV. Ou seja, para esta

questão específica, a escolha da modulação é indiferente.

Igualmente, todos os padrões permitem que se desenvolva uma série de serviços interativos, como governo eletrônico, e-learning, e-bank, tele-medicina etc. Novamente, nesta questão específica, a escolha da modulação é indiferente.

Desde março de 2005, a Finlândia possui uma operação-piloto de transmissão da TV digital para recepção móvel utilizando o padrão de modulação europeu conhecido como DVB-H e transmitido justamente pela banda de UHF, que a Globo dizia ser uma exclusividade do padrão japonês. Estão envolvidos na experiência o operador de rede de broadcast da Finlândia (Digita), a maior emissora de TV daquele país (MTVB), a maior rede de TV nórdica (Sanoma WSOY), a TV pública da Finlândia (YLE), as duas maiores teles do país (Elisa e Telia Sonera) e a Nokia.

O modelo de negócios escolhido envolve as teles e é pago. Mas, poderia perfeitamente ser gratuito, já que utiliza a banda de UHF e se trata de serviço

de radiodifusão. Neste caso, não há nenhuma necessidade tecnológica de envolver as teles ou de cobrar do usuário. Trata-se de uma opção do modelo de negócios finlandês e não de uma demanda tecnológica.

Cabe perguntar: se definitivamente não é verdade o que as emissoras disseram que somente o ISDB permitiria a transmissão para recepção móvel através da banda do espectro eletromagnético reservada para a radiodifusão, se é verdade que o DVB e o brasileiro SORCER igualmente permitem este mesmo tipo de transmissão, se também é verdade que qualquer padrão garante a alta definição (defendida pelas emissoras) e a introdução de serviços interativos, então POR QUE, AFINAL DE CONTAS, AS EMISSORAS DE TV ESTÃO DEFENDENDO A ADOÇÃO DO ISDB JAPONÊS? Qual o segredo?

* Jornalista, mestre em comunicação (UFRJ), membro eleito do Comitê Gestor da Internet e membro do Coletivo Interozoes e do Grupo ComunicAtivistas

Apparício Fernando de Brankerhoff Torelly, o Barão de Itararé, título nobre de uma batalha que não houve, é uma figura histórica do jornalismo brasileiro, sendo considerado o precursor da imprensa de humor, como, por exemplo, O Pasquim. Gaúcho do porto de Rio Grande, o Barão veio ao mundo, não a passeio, como dizem os seus biógrafos, ainda no fim do século XIX, mais precisamente em janeiro de 1895 e foi inovador da imprensa brasileira. Com uma vastíssima biografia, que começa ainda em terras gaúchas, o grande marco do Barão foi, sem dúvida, o seu "A Manhã", um tablóide de circulação nacional que bateu recordes de venda. Para se ter uma idéia de sua irreverência, vale mencionar os dizeres de uma placa afixada na porta de entrada de "A Manhã", o "Entre sem bater". Depois de várias prisões políticas, nos anos 30, por desagradar as autoridades do Governo Getúlio Vargas, e até de um seqüestro, o Barão de Itararé retornou ao seu posto e não pensou duas vezes mandando afixar a placa. Figura muito popular no Rio de Janeiro se elegeu vereador pelo Partido Comunista Brasileiro nos anos 40, mas dois anos depois, em 1948, acabou cassado depois que o seu partido teve o registro cancelado. Em 27 de novembro de 1971 deixou este mundo, mas continua mais atual do que nunca, com seus escritos imortais.

O verdadeiro culpado

O homem estava sendo acusado de haver roubado um relógio. Mas se defendeu acusando o dono da joalheria:
 – Eu estava lá quando ele, depois de arrumar a vitrine, colocou um cartaz assim – "Aproveitem a ocasião" – e foi embora... (Almanaque para 1949, p.126)



Toma lá, dá cá

Quando Rui Barbosa inciava sua profissão na Bahia, apareceu-lhe em casa, certa vez, um açougueiro, perguntando-lhe:
 – Se o cachorro de um vizinho lhe furta um pedaço de carne, pesando 5 quilos, o dono do cachorro é obrigado a pagar?
 – Tem testemunha?
 – Tenho.
 – Pois, então, o doutor me deve 7\$500. Foi seu cachorro que roubou a carne.
 O futuro juriconsulto fez o pagamento, sem bufar, e, quando o açougueiro ia saindo, chamou-o:
 – Vem cá! E a consulta?
 – Tenho que pagar?
 – Naturalmente. São 50\$000. (Almanaque para 1949, p.126)

Cortinas de madeira

Certa vez, estava o governador Benedito Valadares em seu gabinete no Palá-

cio da Liberdade, despachando uns papéis de importância. Mas estava inquieto, sem atinar com o motivo de seu nervosismo. De repente, verificou que era o sol, que, entrando pela janela, refletia seus raios sobre o papel. Imediatamente chamou o contínuo e ordenou-lhe:

– Baixa essa Venezuela!

Os circunstantes riram do neologismo discretamente. E riram, naturalmente, por ignorantes, pois não perceberam o profundo sentido americanista daquele vocábulo. Realmente essas cortinas de madeira ou de metal, na Pérsia, chamam-se *venezianas*; em Veneza, chamam-se *persianas*. Por que, então, não podem ser chamadas de *Venezuelas* no Brasil? (Almanaque para 1949, p.127)

Vontade paterna

O homem estava sendo julgado. E o juiz perguntou-lhe:
 – Então, o senhor confessa mesmo que abriu com uma gazua loja de fazendas, onde foi encontrado?
 – É verdade, sim, senhor. Mas assim procedi para cumprir a última vontade de meu pai.
 – Quer dizer que seu pai lhe pediu que se tornasse um assaltante?
 Não foi isso propriamente. Mas, ao expirar, ele disse que morreria descansado, se eu lhe promettesse que abriria uma casa de fazendas. E eu abri... (Almanaque 1949, p. 140)

Força de hábito

Um freguês chegou ao restaurante de luxo e amarrou o guardanapo no pescoço. O garçom, que tinha sido barbeiro, perguntou-lhe automaticamente:
 – Barba e cabelo? (Almanaque para 1949, p.142)

Abril de 1968: a Greve de Contagem



Ernesto Germano

O movimento sindical sofreu com a violenta repressão no período seguinte ao golpe de 64. Os inúmeros Inquéritos Militares perseguiram lideranças e militantes com uma violência jamais usada. Nos primeiros meses, os militares acabaram com o Comando Geral dos Trabalhadores, fizeram intervenções em 452 sindicatos, 45 federações e 4 confederações. Usando a legislação existente, e outras leis criadas, destroçaram o movimento e cassaram toda a liderança mais combativa. Em um primeiro momento, 50.000 pessoas foram presas no país. Depois, entre 1965 e 1970, foram mais de 100 intervenções nos sindicatos restantes e mais 4 federações. A nova Lei de Greve (conhecida como Anti-Greve) impunha uma barreira. Os militares mostraram ao que vinham: dismantlar o movimento operário e garantir tranquilidade ao capital.

O arrocho salarial imposto pelos militares esmagava os trabalhadores. A lei 4.330 proibia greves, o FGTS substituiu

a estabilidade no emprego e os índices salariais dependiam de cálculos do Ministério do Trabalho. A Lei 4.725 era conhecida como "Decreto do Arrocho". Em fevereiro de 67, o reajuste foi de 25% para o salário mínimo, enquanto o custo de vida subia 30,4%.

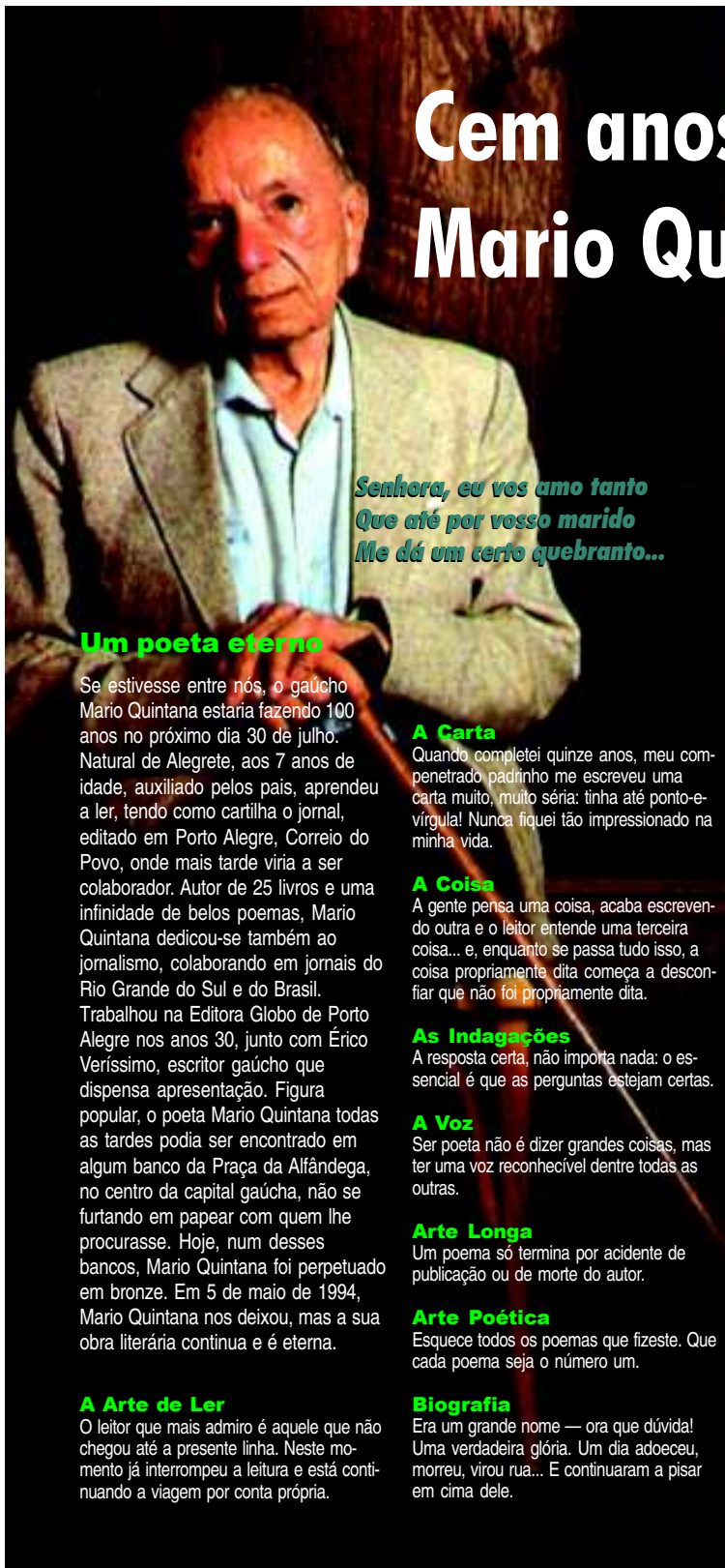
Em Minas Gerais, quatro anos depois do golpe, os trabalhadores fazem a primeira grande luta de resistência. O movimento teve início na seção de trefilaria da Belgo-Mineira, no dia 16 de abril. A empresa foi ocupada pelos trabalhadores que, imediatamente, elegeram uma Comissão para negociar com a direção da fábrica. Com uma eficiência nunca vista, no dia seguinte a Delegacia Regional do Trabalho julga e declara a greve ilegal e ameaça os metalúrgicos, forçando-os a desocupar a fábrica, que foi imediatamente tomada por tropas da PM. Os grevistas seguem para a sede do Sindicato e ficam sabendo que os 500 operários da Sociedade Brasileira de Eletrificação haviam parado também.

As negociações não andavam e o movimento crescia. A Mannesman,

com 4.500 operários, entrou na greve. No dia 22 de abril o movimento já contabilizava 13 empresas paradas e mais de 15.000 trabalhadores com os braços cruzados. Para permitir maior representatividade, a Comissão de Greve foi ampliada com delegados eleitos em todas as empresas paradas e, como não podia deixar de ser, o governo resolve negociar ao seu modo: a PM do estado de Minas Gerais ocupou toda a Cidade Industrial, reprimiu, proibiu assembleias e reuniões, prendeu quem distribuía boletins e isolou as comunicações. A estação de rádio local foi fechada e linhas telefônicas cortadas. A tática era não deixar o restante do país saber o que se passava em Contagem!

Com a repressão e o total isolamento dos trabalhadores mineiros, não havia muito mais a fazer. No dia 25, uma Assembleia aceitou os 10% oferecidos pelo Ministério (a reivindicação era 25%) e a greve foi encerrada. Foi o primeiro grande movimento depois do Golpe de 64 e as lideranças foram presas, com grande número de demitidos entre os grevistas. ■

Cem anos de Mario Quintana



*Senhora, eu vos amo tanto
Que até por vosso marido
Me dá um certo quebranto...*

Um poeta eterno

Se estivesse entre nós, o gaúcho Mario Quintana estaria fazendo 100 anos no próximo dia 30 de julho. Natural de Alegrete, aos 7 anos de idade, auxiliado pelos pais, aprendeu a ler, tendo como cartilha o jornal, editado em Porto Alegre, Correio do Povo, onde mais tarde viria a ser colaborador. Autor de 25 livros e uma infinidade de belos poemas, Mario Quintana dedicou-se também ao jornalismo, colaborando em jornais do Rio Grande do Sul e do Brasil. Trabalhou na Editora Globo de Porto Alegre nos anos 30, junto com Érico Veríssimo, escritor gaúcho que dispensa apresentação. Figura popular, o poeta Mario Quintana todas as tardes podia ser encontrado em algum banco da Praça da Alfândega, no centro da capital gaúcha, não se furtando em papear com quem lhe procurasse. Hoje, num desses bancos, Mario Quintana foi perpetuado em bronze. Em 5 de maio de 1994, Mario Quintana nos deixou, mas a sua obra literária continua e é eterna.

A Arte de Ler

O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria.

A Carta

Quando completei quinze anos, meu compenetrado padrinho me escreveu uma carta muito, muito séria: tinha até ponto-e-vírgula! Nunca fiquei tão impressionado na minha vida.

A Coisa

A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.

As Indagações

A resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas.

A Voz

Ser poeta não é dizer grandes coisas, mas ter uma voz reconhecível dentre todas as outras.

Arte Longa

Um poema só termina por acidente de publicação ou de morte do autor.

Arte Poética

Esquece todos os poemas que fizeste. Que cada poema seja o número um.

Biografia

Era um grande nome — ora que dúvida! Uma verdadeira glória. Um dia adoeceu, morreu, virou rua... E continuaram a pisar em cima dele.

Cartaz para uma feira do livro

Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem.

Citação

De um autor inglês do saudoso século XIX: "O verdadeiro gentleman compra sempre três exemplares de cada livro: um para ler, outro para guardar na estante e o último para dar de presente."

Citação 2

E melhor se poderia dizer dos poetas o que disse dos ventos Machado de Assis: "A dispersão não lhes tira a unidade, nem a inquietude a constância."

Contradições

... mas o que eles não sabem levar em conta é que o poeta é uma criatura essencialmente dramática, isto é, contraditória, isto é, verdadeira. E por isso, é que o bom de escrever teatro é que se pode dizer, como toda a sinceridade, as coisas mais opostas. Sim, um autor que nunca se contradiz deve estar mentindo.

Cuidado

A poesia não se entrega a quem a define.

Das Escolas

Pertencer a uma escola poética é o mesmo que ser condenado à prisão perpétua.

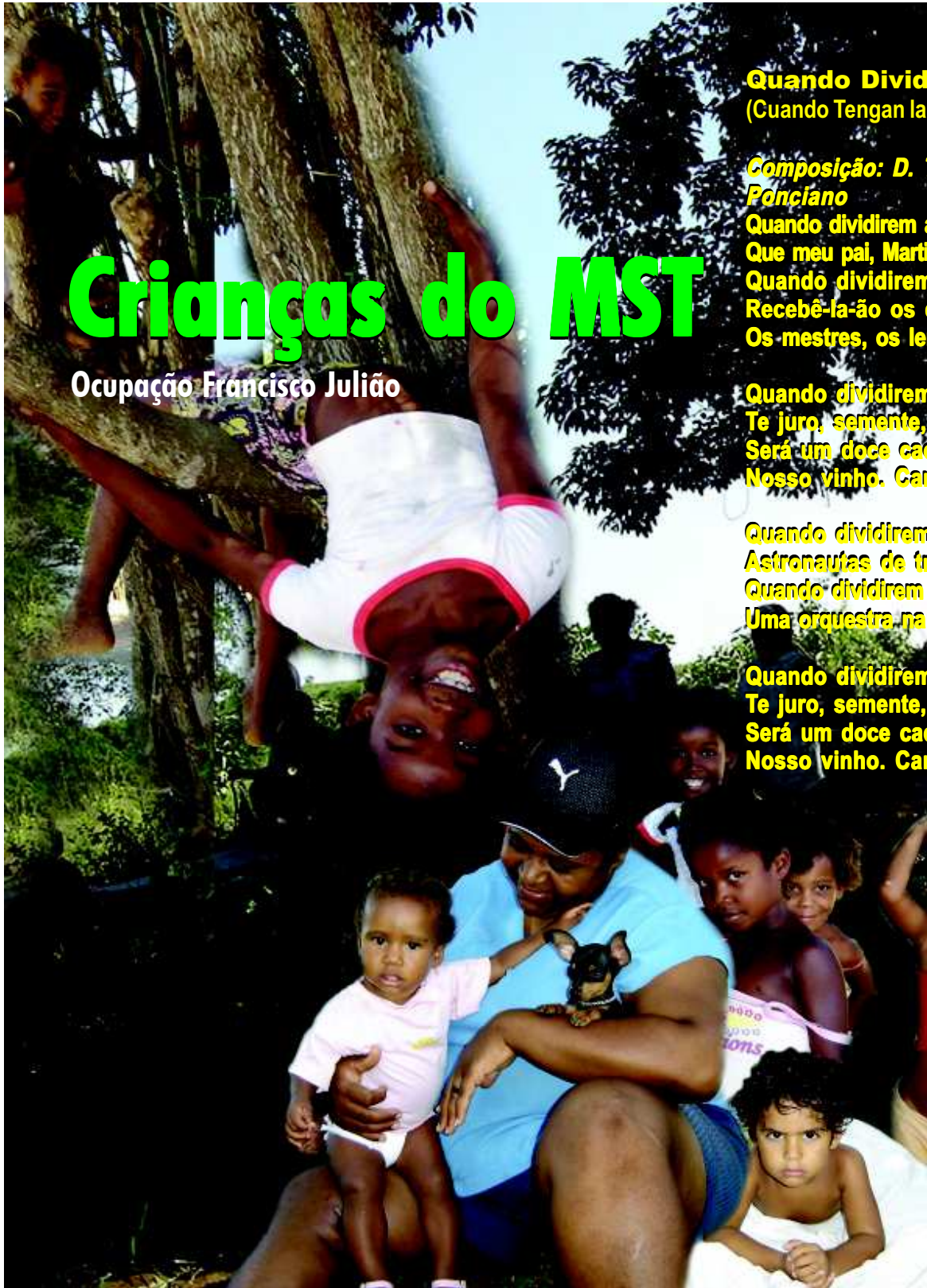
Destino Atroz

Um poeta sofre três vezes: primeiro quando ele os sente, depois quando ele os escreve e, por último, quando declamam os seus versos.

Do Estilo

O estilo é uma dificuldade de expressão.

Pensamentos extraídos do livro "Do Caderno H", Editora Globo - Porto Alegre, 1973, pp. diversas.



Crianças do MST

Ocupação Francisco Julião

Quando Dividirem a Terra
(Quando Tengan la Tierra)

**Composição: D. Toro / A. Petrocc
Ponciano**

Quando dividirem a terra, semente
Que meu pai, Martim Ferro lançou a
Quando dividirem a terra
Recebê-la-ão os que lutam
Os mestres, os lenhadores, os tra

Quando dividirem a terra
Te juro, semente, que a vida
Será um doce cacho no mar das
Nosso vinho. Cantarei, cantarei.

Quando dividirem a terra, dar-te-
Astronautas de trigais, lua nova
Quando dividirem as terras, formar
Uma orquestra na qual cantem os

Quando dividirem a terra
Te juro, semente, que a vida
Será um doce cacho no mar das
Nosso vinho. Cantarei, cantarei

Quando Dividirem a Terra
(Quando Tengan la Tierra)

Composição: D. Toro / A. Petrocelli - Versão Roberto Ponciano

**Quando dividirem a terra, semearei as palavras
Que meu pai, Martim Ferro lançou ao vento
Quando dividirem a terra
Recebê-la-ão os que lutam
Os mestres, os lenhadores, os trabalhadores.**

**Quando dividirem a terra
Te juro, semente, que a vida
Será um doce cacho no mar das uvas
Nosso vinho. Cantarei, cantarei.**

**Quando dividirem a terra, dar-te-ei as estrelas
Astronautas de triguais, lua nova
Quando dividirem as terras, formarei com os grilos
Uma orquestra na qual cantem os que pensam**

**Quando dividirem a terra
Te juro, semente, que a vida
Será um doce cacho no mar das uvas
Nosso vinho. Cantarei, cantarei**

**Camponês, quando dividirem a terra
Semearei no mundo o coração
do meu mundo
Atrás de todo esquecimento searei
com minhas lágrimas
Todo o horror da lástima e por fim te verei
Camponês, camponês, camponês,
camponês.
Senhor de vislumbrar a noite
em que dormimos
para fazermos os filhos
Camponês, quando dividirem a terra
Colocarei a lua no bolso e sairei a passear
Com as árvores e o silêncio
E os homens e as mulheres comigo.
Cantarei! Cantarei! Cantarei! Cantarei!**



Ações Afirmativas: o direito às diferenças

Márcia Bauer

O feminismo destaca a importância de políticas públicas de gênero, entendendo gênero como uma forma de distinguir as diferenças biológicas das desigualdades sócio culturalmente construídas.

Ações afirmativas são aquelas políticas públicas que pretendem buscar a igualdade, como, por exemplo, as cotas de mulheres nas eleições. E, por que é necessário garantir através de leis a participação das mulheres na política? Porque política ou os espaços públicos, até poucos anos atrás, eram lugar de homens; as mulheres deveriam se contentar com os afazeres domésticos, o cuidado dos filhos, portanto ocupando os espaços privados, ou melhor, do lar. O feminismo vem para contestar estes lugares e estes conceitos. Ainda hoje, temos mais homens no congresso nacional, nas assembleias legislativas e nos governos, porém a participação das mulheres nos espaços públicos tem modificado paulatinamente, fruto de um movimento contestatório das mulheres em nível mundial. A presença das mulheres na cena social e política brasileira nas últimas décadas tem crescido consideravelmente, mas não basta ser mulher, precisa ter a consciência de que as desigualdades ainda são muitas, de classe, de gênero e de etnia. Como dizia Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

As ações afirmativas vêm para garantir: as delegacias especiais, que tratam da violência contra a mulher; o plano integral de saúde da mulher; e a criação de órgãos governamentais como a Secretaria Especial de Políticas para a Mulher no governo federal, os quais tratam exclusivamente de políticas que busquem a igualdade de gênero.

“As políticas afirmativas buscam respeitar as diferenças, fazendo com que estas não se transformem em desigualdades”



Picasso

Estas políticas não podem estar desvinculadas; não são um fim em si. As ações afirmativas só terão validade se estiverem inseridas no contexto global das “políticas econômicas, sociais, culturais e que repercutam nas esferas jurídicas e administrativas, incidindo em aspectos como remuneração, na segurança social, na educação, na partilha de responsabilidades profissionais e familiares e a paridade nos processos de decisão” (IV Conferência Mundial das Mulheres em Beijing – 1995).

As ações políticas de gênero devem vincular-se e relacionar-se com todas as áreas das ações governamentais, a isto se

chama transversalidade de gênero.

O governo federal com a criação, da Secretaria Especial para as Mulheres, em 2002 está implementando a transversalidade de gênero nas suas políticas com a implementação e aparelhamento de 35 Centros de atendimento às mulheres vítimas de violência, o Programa de crédito para as mulheres do meio rural, a criação de 50 Casas Abrigo, 10 Defensorias Públicas, entre outras. Políticas estas, integradas com diversos órgãos governamentais e não governamentais.

Portanto, as políticas afirmativas devem buscar respeitar as diferenças, fazendo com que estas não se transformem em desigualdades ■

* Assessora Política do SISEJUFE-RJ

As lágrimas da Aracruz e a coragem das mulheres camponesas

Cristiano Navarro (*)

“Jamais esperava este tipo de violência”, afirmou de um hotel de luxo em São Paulo, o presidente da empresa Aracruz Celulose, Carlos Aguiar, ao jornal Zero Hora da última sexta.

No dia 20 de janeiro deste ano, a empresa Aracruz Celulose S/A mobilizou helicópteros, bombas, armas e 120 agentes da Polícia Federal do Comando de Operações Táticas (COT), vindos de Brasília, para destruir duas aldeias e expulsar 50 pessoas dos povos Tupiniquim e Guarani de sua terra tradicional, no município de Aracruz (ES).

Sem sequer receber uma ordem de despejo, os Tupiniquins e Guaranis foram surpreendidos com o violento ataque. A ação, que resultou na prisão arbitrária de duas lideranças e deixou outras 12 pessoas feridas, teve todo o apoio logístico da empresa Aracruz Celulose S/A. Os 120 agentes da Polícia Federal receberam hospedagem e utilizaram o heliporto e os telefones da multinacional.

Durante a ação ilegal da Polícia Federal (condenada inclusive pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados), traidores da multinacional destruíram totalmente duas aldeias Tupiniquim e Guarani. Todas as casas foram derrubadas e muitos índios não puderam retirar seus pertences de dentro delas.

No noticiário das grandes empresas de mídia, não se viu nenhuma mãe Tupiniquim ou Guarani com seus filhos chorando, nenhum ministro do governo condenando a ação ou mesmo o dono da empresa lamentando a violência.

Mas se por aqui as grandes empresas de mídia não repercutiram o crime



FOTO: Roberto Ponciano

Mulheres da Via Campesina preparam-se para mobilização em defesa do meio ambiente.

cometido pelo aparelho repressor do Estado e pela empresa Aracruz Celulose S/A, a família real da Suécia resolveu vender suas ações da multinacional devido às denúncias e fortes pressões contra a violação de direitos humanos cometidos e o desrespeito ao meio ambiente no Brasil.

Mesmo com as denúncias, a gigante multinacional ainda conta com vultuosos recursos do BNDES.

O povo vai à frente

Deu aquele medinho na mulherada, ao sair do ônibus. Depois que viram as primeiras indo destruir... foi muito lindo, declarou a militante camponesa gravada por uma câmera escondida do Jornal Nacional do dia 9 de abril. Agora, quem acredita que os movimentos sociais podem utilizar as grandes empresas de mídia para se comunicar com a sociedade, ou é muito ingênuo, ou tem pretensões políticas conservadoras não declaradas. Imagine se os movimentos sociais pautassem suas agendas e ações, a partir das possíveis repercussões nas grandes empresas de mídia? Demarcação de terra indígena e reforma agrária, sem retomada e ocupação de terras, não existem ■

Mais um militante do MST assassinado em Campos dos Goytacazes

Companheiros e companheiras,

Mais um acampado em Oziel Alves foi assassinado na noite de 22/03.

Amaro Antonio da Silva saiu do acampamento por volta das 18:00h para visitar a mãe em Itapera, com uma charrete, sendo encontrado por volta das 2:00h da manhã, dentro da mesma com o tiro na cabeça. A charrete estava na BR 101, em frente ao Shopping Estrada.

Solicitamos a solidariedade da sociedade para que exijam a apuração de mais este crime ocorrido, em razão dos conflitos pelas terras da Cambahyba, vez que todas as nossas denúncias até então não tiveram a solução das autoridades competentes.

Que exijam a prisão dos grupos armados que trabalham como jagunços dos proprietários da Usina Cambahyba, que vêm circulando pelo acampamento, ameaçando a todas as famílias.

E PRINCIPALMENTE, A IMEDIATA DESAPROPRIAÇÃO POR INTERESSE SOCIAL DAS TERRAS DA CAMPABAHYBA, VEZ QUE SÓ O ASSENTAMENTO DAS FAMÍLIAS E A PUNIÇÃO DOS ASSASSINATOS DOS TRABALHADORES RURAIS, PODERÃO POR FIM AO CONFLITO ESTABELECIDO NO LOCAL.

Francine Pinheiro

Pelo Setor de Direitos Humanos do MST/RJ

*Jornalista do Conselho Indigenista Missionário

Biodiversidade e novo paradigma



Planeta corre perigo com as perturbações climáticas e a escassez de água potável

Leonardo Boff(*)

Três são os inimigos principais da biodiversidade: o modelo de produção e consumo imperante, a monocultura e a espécie humana.

O modelo imperante, é imperioso repeti-lo, é devastador dos recursos naturais e é consumista. A Terra não agüenta mais esta sistemática agressão e dá sinais claros de estresse. Ela já está se vingando, como o tem mostrado James Lovelock no seu recente e alarmante apelo A vingança de Gaia. Haja vista o aquecimento do Planeta, as perturbações climáticas e a escassez de água potável.

A monocultura é contrária à lógica da natureza que sempre consorcia todo tipo de formas de vida, permitindo que uma espécie ajude a outra a sobreviver e, ao mesmo tempo, se mantenha o equilíbrio dinâmico de todo o processo natural.

O mundo é dominado pela monocultura do arroz, do trigo, da soja, do milho, do eucalipto, dos cítricos, do gado, das galinhas e outros. Cada implantação de uma monocultura significa um verdadeiro assassinato de espécies vivas, de insetos e microorganismos. Junto com a monocultura vêm os agrotóxicos para

garantir e aumentar a produtividade.

O terceiro inimigo é a espécie humana. Ela é uma entre milhares de outras. Mas seu triunfo foi o de disseminar-se sobre todo o Planeta, como uma verdadeira praga, adaptando-se a todos os ecossistemas e submetendo a seus interesses todas as demais. Ocupou 83% do Planeta, mas de forma destruidora. Fez do Jardim do Éden um matadouro, como disse o mestre da biodiversidade Edward Wilson. As religiões, os tabus, os preceitos éticos e a ciência foram até hoje insuficientes para impedir e limitar a violência humana contra a natureza. O meteoro rasante hoje se chama ser humano.

“As atividades antrópicas estão mudando fundamentalmente e, em muitos casos, de forma irreversível, a diversidade da vida no planeta Terra. Tudo indica que esse processo vai continuar ou ainda se acelerar no futuro.” É o que constata o Relatório da Avaliação Ecosistêmica do Milênio feito sob os auspícios da ONU e divulgado em 2005.

Preocupante é que as centenas de medidas sugeridas pela Convenção sobre a Diversidade Biológica, seguramente necessárias, são feitas ainda dentro do paradigma antrópico de dominação da natureza. Elas não resol-

vem a questão básica da devastação. É como, se ao limarmos os dentes do lobo, lhe tiraríamos a ferocidade. Precisamos de outro paradigma civilizatório que tenha uma relação não destrutiva com a natureza, que atenda nossas necessidades, portanto que seja sustentável. Caso contrário, não teremos mais futuro.

É neste contexto que se torna importante a Carta da Terra do ano 2000. Ela parte desta possível tragédia. Mas confia que podemos evitá-la. Para isso, precisamos de outra ótica que fundará uma nova ética. A ótica é que somos parte do vasto universo em evolução, filhos e filhas da Terra que é viva e somos um dos membros da grande comunidade de vida. O sentido de interdependência e de parentesco nos torna os cuidadores naturais de todas as formas de vida. Há que satisfazer nossas necessidades, de forma justa e equitativa, com um manejo respeitoso da generosidade da Terra, mas sem devastá-la e sempre procurando repor o que tiramos. Isso exige novos valores, diferentes instituições e modos de vida. Esse é o “modo sustentável de vida” que nos salvará ■

*Teólogo e escritor

Frade dominicano lança o seu 53º livro, que faz uma reflexão sobre o governo Lula

Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, é um participante ativo da política brasileira, pelo menos nos últimos 40 anos. Sempre mobilizado em favor das lutas populares, o frade dominicano, que acaba de lançar o seu 53º livro, intitulado “Mosca Azul”, militou no movimento estudantil dos anos 60, em grupos católicos e lutou contra a ditadura que se instalou no Brasil a partir de abril de 64.



Frei Betto

Mário Augusto Jakobskind

Por seu engajamento em favor das transformações sociais que o Brasil necessita, Frei Betto amargou quatro anos de prisão. No final dos anos 70 aproximou-se do então líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, de quem se tornou amigo e compadre. Com a eleição de Lula, Frei Betto passou a exercer a função de assessor especial do Presidente da República e a Coordenação de Mobilização Social do Programa Fome

Zero. Depois de 687 dias decidiu abandonar o cargo, no final de 2004, por discordar da política econômica do atual governo, “mais favorável ao grande capital e pouco sintonizada com a dívida social, que, no Brasil, é enorme”.

Jornalista formado e escritor consagrado, o frade dominicano escreve quase diariamente para vários jornais brasileiros, tendo acabado de lançar o livro “Mosca Azul”, uma reflexão sobre o governo Lula e o comportamento político do núcleo dirigente do Partido dos

Trabalhadores. Frei Betto, basicamente, discorda da posição atual do partido que ajudou a fundar, porque a cúpula deixou em segundo plano os ideais que fizeram com que o PT se tornasse o maior partido de esquerda na América Latina. Nesta entrevista, Frei Betto mostra que, apesar dos pesares, o PT ainda tem condições de dar a volta por cima e retornar às suas origens, isto é, continuar sendo “o condutor de transformações sociais e expressão político-partidária das aspirações dos mais pobres”.



Frei Betto é conselheiro religioso do Presidente Lula.

IDÉIAS EM REVISTA: Poderia explicar para os leitores o significado de Mosca Azul?

FREI BETTO: *A Mosca Azul trata do poder, a maior das tentações humanas. Recorro aos clássicos: Platão, Aristóteles, Maquiavel, Montaigne, Hanna Arendt, Robert Michels. Procuo diagnosticar o processo histórico que levou o PT ao governo do Brasil e as causas de seu envolvimento com procedimentos antiéticos. Analiso a crise da esquerda brasileira, sua tendência a trocar um projeto de nação por um projeto de eleição, e enfatizo a importância de se governar em sintonia com os movimentos populares, condição de uma democracia real.*

O senhor passou 687 dias participando do governo Lula como assessor especial da Presidência da República e decidiu abandonar o posto. O que aconteceu?

FREI BETTO: *Deixei o governo para retomar minha atividade literária. A mosca azul não me picou. E também por discordar da política econômica, mais favorável ao grande capital e pouco sintonizada com a dívida social que, no Brasil, é enorme.*

Se o governo Lula mudasse de rumo, decidindo cumprir pelo menos parte das promessas de campanha, o senhor voltaria ao posto que ocupou?

FREI BETTO: *O governo Lula faz uma política externa soberana e independente; políticas sociais avançadas, como o*

Fome Zero, o Bolsa Família, o microcrédito, a valorização da agricultura familiar; uma importante reforma educacional etc. Portanto, cumpre em parte o que prometeu na campanha. Faltam as reformas agrária, política, tributária e trabalhista. E a previdenciária não me agrada, por onerar os pensionistas. Ainda que viesse a ser o governo dos meus sonhos, jamais voltaria. Dois anos no poder público foram suficientes para constatar que aquele não é o meu lugar.

O PT acabou de completar 26 anos. Houve uma festa em que Lula, segundo a imprensa, praticamente perdoou a todos que cometeram deslizes e foram objetos de denúncias sobre corrupção. O que acha disso?

FREI BETTO: *Acho que o PT ainda deve à nação uma apuração rigorosa de tudo o que aconteceu. A questão não é execrar pessoas, é apurar responsabilidades.*

O senhor acha que PT acabou como partido transformador da realidade brasileira ou ainda tem chances de se reerguer as bandeiras que o tornaram o maior partido de esquerda da América Latina?

FREI BETTO: *Uma tendência do PT, o Campo Majoritário – hoje não mais hegemônica na direção partidária – se deixou picar pela mosca azul. É o que analiso no livro. Porém, o PT é muito maior do que ela. Tem 860 mil filiados. Creio sim que o PT tem recuperação, até porque jamais sobreviverá como um partido social-democrata. Se não for o condutor de transformações sociais e expressão político-partidária das aspirações dos mais pobres, o PT não terá futuro, ou restará como o PTB, um partido de aluguel, completamente desfigurado de suas origens políticas e históricas.*

Vem aí mais uma eleição presidencial e a campanha, com características selvagens, ou seja, acusações mútuas entre

PT e PSDB/PFL, em que parte da opinião pública achando que ambos tem razão. O senhor vai participar da campanha de reeleição de Lula, mesmo ele repetindo as alianças com partidos conservadores e mesmo de direita? Votar, o senhor já disse em várias ocasiões que votaria.

FREI BETTO: *Sim, voto em Lula, mas espero que sua campanha apresente um projeto consistente de mudanças sociais e, sobretudo, de uma política econômica atrelada às demandas sociais, e não o inverso. Em A Mosca Azul analiso como partidos que fazem alianças espúrias acabam vítimas de seus adversários históricos que se mostram parceiros ocasionais. Espero que o PT não repita o filme, que terminou em tragédia ética.*

O senhor acha que as transformações que o Brasil necessita para melhorar o padrão de vida do povo passam apenas pela via institucional?

FREI BETTO: *Também abordo o tema no livro. Não há condições de mudanças por vias não-institucionais. Porém, não haverá também avanços sem o fortalecimento do movimento popular, da sociedade civil organizada ■*

“Voto em Lula, mas espero que sua campanha apresente um projeto consistente de mudanças sociais e, sobretudo, de uma política econômica atrelada às demandas sociais”



Livro de Frei Betto é uma reflexão sobre o atual momento brasileiro.

SISEJUFE-RJ participará das discussões sobre os rumos da CUT

Os sindicatos filiados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) espalhados por todo país têm pela frente, nos próximos meses, um grande desafio.

Elas vão discutir os rumos que a central vai adotar na condução das lutas da classe trabalhadora. E como não poderia ser diferente, o SISEJUFE-RJ também participará, como em anos anteriores, dos debates que serão travados pelos cutistas. Nosso sindicato será um dos muitos a enviar delegados ao 12º Congresso Estadual (Cecut), que acontece de 12 a 14 maio, no Rio de Janeiro, e ao 9º Congresso Nacional (Concut), de 6 a 9 de junho, em São Paulo. Serão oito companheiros escolhidos democraticamente em assembleias da categoria para o Cecut e outros três, que participarão do Concut.

A direção do SISEJUFE-RJ defende

a tese de que a organização do movimento sindical só poderá ser concretizada com o fortalecimento da central e união de todas as entidades filiadas. O sindicato defenderá nos congressos pontos que considera prioritários para os trabalhadores brasileiros, como a construção de uma CUT classista, que lute pelo socialismo e contra o modelo neoliberal que há tempos tenta acabar com as conquistas dos trabalhadores.

“Temos que reafirmar e avançar nesses três pontos que sempre defendemos dentro da CUT. A luta dos trabalhadores brasileiros passa pelo fortalecimento da central como uma entidade combativa e unida em torno da defesa da classe

trabalhadora”, avalia Roberto Ponciano, diretor do SISEJUFE-RJ.

O pluralismo e a diversidade de idéias não podem ser um obstáculo na condução do movimento sindical em busca da igualdade de condições de vida e de salários dignos. Pelo contrário, a divergência de idéias é salutar no debate democrático e servirá de combustível para tornar, cada vez mais, a CUT um instrumento de unidade da classe trabalhadora.

Os servidores do Judiciário Federal do Rio de Janeiro já mostraram maturidade e consciência em relação ao fortalecimento da CUT. No ano passado, quando houve uma tentativa de desfiliação do SISEJUFE-RJ da central, a categoria recusou energeticamente a saída e manteve o sindicato nos quadros dos cutistas.

“Nossa categoria reconhece na CUT o instrumento de unidade na luta dos trabalhadores”, afirma Ponciano ■

“A luta dos trabalhadores brasileiros passa pelo fortalecimento da central como uma entidade combativa e unida em torno da defesa da classe trabalhadora”

Um caso **passional**

Laerte Braga

Um dos mais destacados próceres da corrupção no Brasil, ainda em liberdade pelas artimanhas do STF (Supremo Tribunal Federal), Joaquim Roriz, governador de Brasília, ladrão líder na "categoria", integrante do PMDB, manifestou apoio ao parceiro Geraldo Alckmin. O homem DASLU.

O ex-ministro da Fazenda Antônio Palocci não aprendeu até hoje que um apaixonado é capaz de qualquer desvario pelo "objeto" da paixão. Foi o caso de Buratti, o ex-amigo, ex-assessor. A república de Lula tomou uma trombada dessas que abalam. No bojo de uma disputa por uma dama.

Nesse negócio não existe hierarquia.

O governador tucano de São Paulo vai a São Luís conversar com d. Roseana Sarney, aquela que queria ser presidente e saiu recolhendo dinheiro a torto e a direito. Vítima da própria esperteza por não ter percebido que era apenas uma peça na engrenagem de um esquema maior.

A senhora em questão, anos atrás, ameaçou o PC do B ao declarar-se simpática ao partido. O governador está fazendo uma espécie de périplo pelos principais "ladronatos" do País, na tentativa de bons acordos.

Como, no entanto, esse mundo de Sarney é um tal de faca voando às cegas, nunca se sabe de fato o que vai acontecer.

Voa para a direita, voa para a esquerda, pega pelas costas, pela frente, do jeito que der.

José Serra chegou à conclusão que tem condições de voltar à cena em 2010. Isso nos remete a outra conclusão. Nessa revoada de facas, as tucanas, disparadas com o requinte de senhores feudais ingleses, uma delas pode pegar o próprio candidato do partido.

A grande dificuldade de Lula está no setor mais podre dentre os muitos setores podres das elites brasileiras. A campanha sistemática contra o governo vai continuar e vai ser inclemente até o dia das eleições.

"A sorte de Lula vai estar definida, mais ou menos, até agosto, quando se terá uma clara percepção dos rumos do eleitoral"

A sorte de Lula vai estar definida, mais ou menos, até agosto, quando se terá uma clara percepção dos rumos do eleitoral. Se o candidato DASLU/OPUS DEI vai ou não conseguir ultrapassar determinado patamar e assim representar certeza para quadrilhas como a FIESP (Federação das Indústrias de São Paulo), que as coisas vão funcionar.

O governador tem contra si o sentimento antipaulista que, por exemplo, o ex-presidente Itamar Franco faz questão de disseminar em suas falas: "é o Brasil contra São Paulo". No caso as elites políticas, econômicas e financeiras daquele Estado.

O ex-ministro Antônio Palocci vai ter tempo agora de dedicar-se à paixão, se é que ainda existe, ou fazer como um ex-go-

vernador e um ex-deputado mineiros. Apaixonados pela mesma mulher saíram no tapa. Em meio à briga viram a senhora em questão sair com outro pela porta dos fundos. Pararam de brigar, assentaram, encheram a cara e terminaram chorando um nos braços do outro.

Não pelo que Lula diz, mas há de fato uma escalada pelo retorno do vinho francês ao Planalto. A cachaça não foi assimilada nos salões bandeirantes, que dirá nos londrinos e parisienses ■

REPRODUÇÃO



De repente, nas ruas dos EUA...



Estadunidenses se mobilizam contra lei antiimigração.

Elaine Tavares (*)

Por longos e longos anos, imigrantes hispânicos, árabes, asiáticos e africanos, dirigiram aos Estados Unidos todos os seus sonhos, iludidos com a terra de “leite e mel” que parecia ser aquele lugar. Terra das oportunidades, bastião da liberdade e da democracia, onde quem quisesse poderia se fazer rico e famoso. Em busca dessa promessa, levam e mais levam de gente se aventuram a cruzar desertos, rios caudalosos, muros da morte e oceanos. E o que encontram é sofrimento, dor, subemprego, cadeia, exclusão da vida digna.

Boa parte dessa gente que chegou no país vive como “ilegal”. São ninguém, pessoas sem documento e sem cidadania. Até hoje têm conseguido viver em empregos subalternos, passando as piores privações. Por serem “ilegais”, os empregadores se acham no direito de explorar ao máximo e eles vão se submetendo, esperando

que um dia possam agarrar a tal da “oportunidade”. No segundo mandato de George Bush, as coisas têm recrudescido. Tramitam no Congresso estadunidense várias propostas de lei antiimigração.

Dentre as propostas que pipocam no Congresso está uma que é de uma espetacular sordidez: cobrar dos próprios imigrantes uma taxa e, dos recursos arrecadados, fazer um muro ainda mais seguro do que o que já existe na fronteira com o México. Ali, desde 1994, mais de quatro mil pessoas (dados oficiais) morreram tentando cruzar o muro. Segundo os mexicanos, o número de desaparecidos é muito maior, e só no último ano a quantidade de mortos chegou a 500.

O terreno da rebeldia já vinha sendo semeado desde há anos, nas catacumbas

dos grandes centros estadunidenses onde a população hispânica é cada vez maior. Hoje, são mais de 11 milhões de pessoas oriundas da imigração vivendo no país—grande parte mexicanos—cansadas de serem tratadas como gente de segunda classe. Esses seres são os que estão agora nas ruas. Não aceitam mais serem chamados de ilegais. “Nenhum ser humano é ilegal. Ilegal é quem gera a pobreza e obriga as pessoas a saírem de seus lugares ancestrais”, dizem os organizadores do primeiro Fórum Social Fronteiriço, que vai se realizar em Ciudad Juarez, no México. A proposta é fazer uma grande caminhada, com gente de todo o mundo, até o muro que separa o México dos Estados Unidos, e cruzá-lo.

A caminhada em direção ao muro já começou. De vários lugares do México já saíram manifestantes. Eles devem entrar na cidade de Chihuahua no dia 22 de abril e dali seguir até Ciudad Juarez, onde acontece o Fórum, de 1º a 7 de maio. Segundo denúncias dos organizadores do evento, há notícias

de uma desapareção de mais de quatro mil mulheres. Todas elas, em algum momento, se rebelaram contra o sistema de trabalho opressor.

Os organizadores do Fórum Social Fronteiriço estão con-

vocando militantes de todo o planeta para esse feito histórico. E agora, não há melhor hora. Do lado mexicano, as pessoas caminham em direção ao muro. Do lado estadunidense, aqueles que tinham estado em silêncio começam a dizer sua palavra, tomar as ruas, exigir direitos ■

“A caminhada em direção ao muro já começou. De vários lugares do México já saíram manifestantes”

* Jornalista no OLA/UFSC (OLA é um projeto de observação e análise das lutas populares na América Latina – www.ola.cse.ufsc.br)

França, vandalismo ou luta de classes?

*“Mas quem garante que a história é carroça abandonada,
Numa beira de estrada, ou numa estação inglória?
A história é um carro alegre, cheia de um povo contente
Que atropela, indiferente, todo aquele que a negue”*

(C. Buarque e P. Milanez)

Roberto Ponciano

Para ler o mundo é necessário ter ferramentas, instrumentos para a análise, senão vemos o mundo com os olhos do amo, do dominador.

Para os norte-americanos brancos a expansão do território rumo a oeste é vista como uma epopéia, a marcha dos pioneiros. Para os povos que habitavam aquele pedaço de terra é uma espécie de holocausto, armagedom, com a tomada de seu território, escalpos (foram os brancos que inventaram esta prática bárbara, sempre associada por Hollywood aos “peles vermelhas”), estupros, saques, assassinatos, destruição do meio-ambiente, traições (os brancos jamais cumpriam os tratados que faziam), povos inteiros dizimados, até o último membro.

Com que olhos você vê o mundo?

A mídia tem mostrado a crise política francesa como uma mistura de vandalismo, baderna, revolta juvenil e problema migratório. É lógico, afinal, a história acabou, com o fim da União Soviética e do bloco socialista, tivemos a vitória definitiva do Capitalismo – o sistema social “perfeito”, que reinará como sistema universal para sempre e assim, como o Cândido de Voltaire, vivemos no “melhor dos mundos”.

Mas como no romance do filósofo

francês, no qual o protagonista, Cândido, é surpreendido com o morticínio do terremoto de Lisboa e tem sua crença de que vivemos no melhor dos mundos abalada, os cataclismos sociais avissam aos donos do mundo que a história está longe de ter chegado ao fim, antes a escrevemos nós, os povos, a cada dia e a todo o momento.

Ninguém questiona que Zidane (o maior ídolo francês da atualidade), branco e rico, é na verdade um imigrante africano. O problema é muito mais profundo que a migração; na verdade o

“O capitalismo na atualidade vive sua pior crise, não consegue se reproduzir como sistema ao não criar condições de vida decente para a grande maioria da população”

problema é o retorno, ou melhor, a continuação explosiva em uma crise da boa e velha luta de classes, pobres (franceses ou emigrantes) contra ricos,

proletariado contra burguesia.

O capitalismo na atualidade vive sua pior crise, não consegue se reproduzir como sistema ao não criar condições de vida decente para a grande maioria da população, criando uma maior quantidade de excluídos, cada vez mais pobres e sem direitos quaisquer, isto em todos os lugares do mundo (não só nos países periféricos como o Brasil, mas já nos países do antigo Estado do Bem Estar Social), os sem futuro: sem terra,



REPRODUÇÃO

sem trabalho, sem perspectiva, sem moradia, sem saúde, sem educação, sem cultura, sem lazer, sem DIGNIDADE.

Os povos então se levantam, rebelam-se e vão à luta, também agora nos países centrais, dominadores do sistema (que se pensavam livres da revolta dos seus pobres), cada vez mais e com mais radicalismo (não aceitam viver a miséria na abundância, o absurdo cínico do Capital).

Saudemos a nova primavera de Paris!

Ela traz em seu ventre a possibilidade de superação desta contradição, um país tão rico como a França, com pobres tão pobres (e cada vez mais pobres).

Lá como aqui, a superação desta contradição tem nome: Revolução Social, Socialismo (sistema de repartição social da produção de maneira a que todos tenham acesso dos direitos fundamentais do ser humano).

Parafrazeando o grande revolucionário e socialista, Jesus Cristo, em sua homilia, “O Sermão da Montanha”:

“Bem-aventurados os humildes, pois eles herdarão a terra”.

Socialismo ou Barbárie!

EUA desrespeitam a lei sob o silêncio da mídia

Mário Augusto Jakobskind



Neste momento, nos Estados Unidos, está sendo cometida uma flagrante ilegalidade. Cinco presos políticos cubanos cumprem penas que variam entre prisão perpétua e mais de 20 anos. Foram julgados por um Tribunal parcial, de Miami, sob a absurda acusação de espionagem. Gerardo Hernández Nordelo, Ramón Labañino Salazar, René González Schwerert, Fernando González Lloret e Antonio Guerrero Rodríguez, na verdade, observavam a movimentação de grupos terroristas do exílio cubano de Miami.

Dessa forma, os cinco conseguiram prevenir as autoridades cubanas sobre a prática de ações terroristas. O governo queria evitar a continuação de atentados em áreas turísticas da ilha caribenha que tinham, inclusive, provocado vítimas e a morte de um turista italiano. O governo cubano chegou a alertar as autoridades estadunidenses para que essa prática criminosa fosse interrompida. A resposta veio imediata: a prisão dos cinco cubanos. E tudo isso aconteceu em 1998, bem antes dos atentados em Nova York e em Washington, a 11 de setembro de 2001.

Inúmeros apelos vindos de várias partes do mundo foram simplesmente ignorados e sob quase total silêncio da mídia, não só dos Estados Unidos, como de todas as partes do mundo. Um júri visivelmente influenciado por integrantes extremistas do exílio cubano praticamente obrigou a condenação dos réus. Familiares foram impedidos durante muito tempo de se encontrarem com os presos e os apelos humanitários para que essa prática fosse interrompida foram solenemente ignorados. Al-



REPRODUÇÃO

Símbolo oficial da campanha mundial pela libertação dos presos políticos cubanos nos EUA.

guns dos presos chegaram até a ser colocados em celas solitárias.

Para que a opinião pública estadunidense fosse ao menos informada sobre o que estava acontecendo, em alguns países da Europa foram feitas campanhas de arrecadação com o objetivo de publicar matérias pagas –

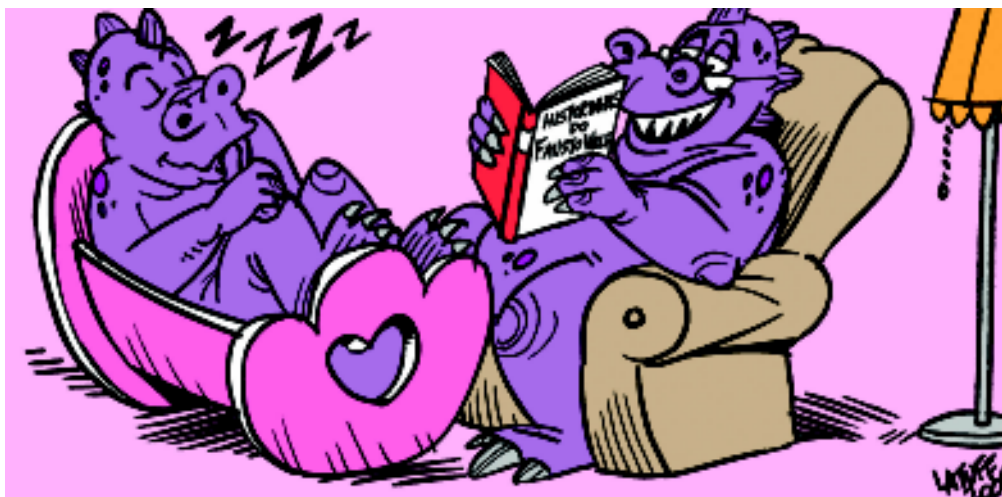
“Advogados fizeram apelos para que houvesse um novo julgamento em um Tribunal que não o de Miami”

caríssimas, na faixa dos 50 mil dólares – sobre a situação dos presos políticos cubanos. Renomados advogados passaram a cuidar do caso e fizeram apelos no sentido de que houvesse um novo julgamento em um Tribunal que não o de Miami. Um desses apelos foi atendido, só que a decisão desse julgamento

vem sendo sempre procrastinada. A Corte de Atlanta, em 9 de agosto de 2005, determinou, por unanimidade, a revogação das sentenças e a realização de um novo julgamento. Até agora, a decisão não foi cumprida.

Em várias partes do mundo organizam-se campanhas de arrecadação de fundos para que a imprensa estadunidense divulgue algo e os cidadãos sejam informados sobre toda essa movimentação. Aqui no Brasil, os Comitês pela Libertação dos Cinco, formados em Estados como do Rio e São Paulo fazem apelos no sentido de que sejam feitas doações. Quem quiser colaborar pode fazê-lo depositando qualquer valor na conta corrente 9809-4, agência 1531-8 do Banco do Brasil. Os colaboradores receberão certificado de sua contribuição emitido pelo “Comitê dos 5 Patriotas”. Para tanto devem mencionar o seu nome ao realizar o depósito e a forma mais fácil de comunicação ■

Historinhas de ninar monstros



Não se sabe nem se Sócrates existiu, mas, se não existiu, deveria ter existido. Caso não tenha existido, Platão transforma-se no maior pensador da humanidade – maior que Shakespeare, inclusive. Para não haver unanimidade, felizmente existem idiotas como Thomas Babbington Macaulay (hoje conhecido apenas por uma casa de chá inglesa com seu nome na Piazza de Espanha), que declarou a sério: “Quanto mais o leio menos me admiro de o terem envenenado”. Woody Allen disse o seguinte: “Sua decisão foi a de não abandonar seus princípios e dar a vida para provar que estava certo. Não sou tão destemido em relação à morte. O barulho do frear de um automóvel faz com que eu me atire no colo da pessoa com quem estiver conversando”.

— Dr. Barata, o sr. acha mesmo que a operação é necessária?

— Isso depende do seu grau de conscientização política. A senhora já teve muitos filhos e é melhor não arriscar.

— Mas por que é que o senhor não faz vasectomia no meu marido?

— Ele é muito machista. Tem medo.

— E não é para ter medo? Não vou per-

der o prazer sexual?

— É coisa simples. Uma tubagem e não há o menor risco de a senhora perder o prazer sexual. Apenas não terá mais filhos.

— E qual é o mal de ter mais filhos?

— Para a senhora que mora numa boa casa talvez nenhum, mas quantas outras mulheres têm filhos sem condições de alimentar?

— O Zequinha diz que a esterilização é um ato de fascismo capitalista.

— O Zequinha é um comunista provocador. Quero ver o que fará no dia em que formos tantos que, por falta de comida, acabaremos devorando uns aos outros.

— Então faça a tubagem, o senhor me convenceu.

— Congratulações. Nossa raça tem sobrevivido porque temos defensores do planejamento demográfico, graças a Deus. Um dia ainda voltaremos a dominar o mundo.

— Nós quem, doutor?

— Ora, nós, as baratas. Deus ainda não havia nem pensado no homem e já habitávamos este planeta. Viva nós!

— Viva nós!

Yügen é uma palavra que deve ser

pronunciada com trema. Quem a ler sem trema terá 100 anos de azar e será mijado por um corcundinha sempre que sair de casa. Aviso isso porque leitor brasileiro tem mania de achar que trema é como fio dental em traseiro de mulher: se tirar, não faz a menor diferença. Se o yügen não tiver trema, podem parar de ler, pois se continuarem terão 50 anos de azar e mais o corcundinha aporrinhando.

Se tiver trema, podem prosseguir, pois todos os desejos de vocês serão atendidos. Yügen é um termo japonês indefinível que se refere a uma qualidade especial de beleza ou de essência estética, cujo significado é misterioso e profundo como tudo o que aconteceu no Japão depois da invasão dos jesuítas, da bomba atômica e dos softwares que, como todos sabem, quer dizer meia potência. Se quiserem mais informações, procurem se familiarizar com a obra do dramaturgo Zeame Motokiyo. Yügen, quando não é marca de iogurte, é palavra doce que traduz amargor; Yügen é como se fosse espinho cheirando a flor. Leram sem trema? Agora é tarde ■